

**DITADURA MILITAR BRASILEIRA: ANÁLISE DO ENSINO DE  
HISTÓRIA E OS LIVROS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS DE  
ENSINO MÉDIO TABELIÃO JOSÉ PINTO QUEZADO E  
LEOLPINA GONÇALVES QUEZADO, AURORA (CE) - (2018)**

*Bruna Leite Bezerra*

Graduanda Licenciatura História CFP/UFCE  
[bezerrabruna20@bol.com.br](mailto:bezerrabruna20@bol.com.br)

*Paulo Sérgio da Silva Santos*

Graduando Licenciatura História CFP/UFCE  
[tempospaulo@gmail.com](mailto:tempospaulo@gmail.com)

**RESUMO**

Analizamos o “Ensino sobre a Militar Brasileira e análise dos livros didáticos de História do Ensino Médio” nas escolas de tempo integral e profissionalizante da cidade de Aurora (CE) -2018: E. M. I Tabelaão José Pinto Quezado e E. M. I. P Leopina Gonçalves Quezado. Através da leitura do livro didático de História do terceiro ano, das falas dos professores responsáveis pelas disciplinas nas referidas escolas e da análise dos resultados obtidos com as oficinas empreendidas nas supracitadas escolas. Buscamos além de possibilitar um maior arsenal sobre este tema na historiografia brasileira, compreender como em tempos em que se fala em projetos como “Escola sem partido” e pedidos de intervenção militar como a mentalidade dos estudantes de Ensino Médio compreende este tema e suas consequências na atualidade, e o como este assunto permeia o extra-escolar, isto é, para além dos muros das escolas.

**Palavras-chave:** Ensino; Escola; História; Ditadura.

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho busca analisar o ensino de História no nível médio através dos conteúdos expostos nos livros didáticos e das relações professores e alunos com o Regime Militar brasileiro (1964 – 1985). Os palcos escolhidos para este estudo foram as escolas estaduais: E. E. E. M. I Tabelaão José Pinto Quezado e a E. E. E. P. Leopoldina Gonçalves Quezado situadas no município de Aurora–CE.

Em tempos em que se fala sobre a introdução de projetos como a “Escola sem Partido” discussões como a que propomos tornam-se essenciais, pois fomentam debates

e análises de assuntos, sujeitos históricos e períodos “espinhosos”, como a ditadura militar brasileira. O propor silêncios para determinados assuntos deixaria as aulas de História apenas com uma carga expositiva e enciclopédica, longe do que é proposto pelos programas e currículos nacionais, a tão almejada “consciência crítica cidadã”.

Haja vista que a imagem, e algumas das perspectivas em torno desse período, estão constantemente sendo levadas via mídias e variados setores sociopolíticos, e como essas leituras ajudam ou atrapalham o processo de ensino/aprendizagem, é importante levar, em consideração que o ambiente escolar muitas vezes mostra-se intolerante a alguns aspectos e está – a exemplo da própria sociedade – polarizado, o que finda por limitar o ensino/aprendizagem dos estudantes, é necessário, portanto, sair do dualismo e adentrar no pluralismo.

Embora a pesquisa acerca do período militar seja crescente e cada vez mais plural os livros didáticos acompanham este avanço historiográfico a sua maneira, porém o assunto ainda encontra-se limitado, os livros tratam-no de forma simplificada e cautelosa. Contudo, cabe destacar, que isso ocorre por tratar-se de um fato histórico até negligenciado pela historiografia, que ainda não cicatrizou nas mentes e corpos de muitos.

Seguindo uma via de mão dupla, e pela falta de material didático ou até mesmo de preparo, os docentes reproduzem uma história de bandidos e mocinhos que finda por reforçar a divisão político/ideológica existente em nossa sociedade, – esquerda versus direita – a dicotomia em si não explica esses fatos não singulares.

Ao analisar o livro didático (ambas utilizam mesma edição)<sup>142</sup> utilizado pelas escolas Tabela e Leopoldina é notável que a abordagem acerca deste tema proporcionou um grande salto, obteve avanços e retrocessos se comparada a anos atrás.

Uma parte que merece destaque no livro didático em questão é a analogia entre os protestos atuais e os que ocorreram na ditadura militar. O capítulo que aborda esta temática tem como foto de capa uma imagem dos protestos de 2015, onde muitos cidadãos foram às ruas pedir intervenção militar.

Sendo importante também, destacar o grande enfoque dado a utopia do “milagre econômico” neste material didático. A ideia de crescimento econômico que surtiria depois na distribuição de renda para todas as camadas da sociedade é mais uma das campanhas colossais elaboradas por Médici, que além desta fez também propagandas

---

<sup>142</sup>BRAICK, Patrícia Ramos. **História das cavernas ao terceiro milênio**. Vol. 3. 4. ed – São Paulo: Moderna, 2006.

nacionalistas baseadas nos amores brasileiros – como o futebol, o livro utiliza charges de Ziraldo acerca deste fator. Vale salientar que, o livro didático utilizado pelas escolas retrata também as ditaduras do Chile e Argentina que ocorreram conjuntamente à ditadura brasileira, entretanto de forma bastante reduzida.

Visando maior interação com o tema foi pensada a exposição do mesmo em uma oficina com os discentes do terceiro ano do ensino médio das referidas escolas. As oficinas foram divididas em duas etapas: em um primeiro momento houve exposição de slides explicativos acerca da temática, onde foram expostas charges, músicas e figuras da época; a segunda parte baseou-se na exposição de matérias jornalísticas do período que foram entregues aos estudantes, que em seguida foram convidados a expor sua visão sobre o material apresentado, suscitando um debate.

Para a construção deste trabalho foi-se necessário partir de um questionamento: que memória vindo sendo constituída nos livros didáticos acerca do período ditatorial militar brasileiro? Seguindo esta indagação, partimos para o campo onde um leque de possibilidades sobre a mesma foi se desencadeando.

## **DITADURA MILITAR: CONTEXTO POLÍTICO**

Dentro da historiografia brasileira a ditadura militar é repleta de variantes e leituras recentemente desenvolvidas. No entanto, essas discussões são suplantadas ou minimizadas em produções acadêmicas, esse “desinteresse” é visível e reflete no ensino de História na educação básica, pois se houvesse um amplo leque de pesquisas em torno de tal recorte temporal, ocorreria uma profunda renovação e ampliação nas discussões.

Para compreender o ensino de História, é importante entender sua historicidade entre a ditadura e o período de redemocratização, já que esta sofreu mudanças estruturais visíveis no currículo. Com a introdução da disciplina “Estudos Sociais”, História e Geografia são entrelaçadas na época da ditadura militar. A conquista das autonomias destes campos na década de 80 vai proporcionar um deslocamento e outras perspectivas. No tocante ao ensino de História e ao que sua autonomia oferece:

“[...] Essa autonomia possibilitou aprofundar cada vez mais o estatuto científico de cada disciplina, pois, embora concebidas como matérias afins, cada qual possui sua especificidade, tendo um objeto de estudo próprio. Tal especificidade fora diluída pelo Regime Militar por razões políticas e ideológicas, principalmente”. (GERMANI, HORN, p. 8, 2009).

Deveria ser fruto dessa autonomia uma valorização em pesquisas e do ensino de História, ao contrário, os livros didáticos possuem análises “rasas” sobre esse período que ainda vive na memória e nos corpos de muitos, e isto devido a pouca discussão nas variadas esferas sociais. Portanto, é notável que a autonomia dada a História no período de redemocratização não proporcionou um salto significativo nas produções e debates em torno da ditadura militar no ensino.

No tempo presente (por questões ideológicas também) busca-se limitar ou desaparecer a autonomia de História e Geografia numa reforma de ensino médio. Isso é a ponta de um iceberg que provém desde a historicidade em torno do ensino de história (visto como “perigoso” e “subversivo” na ditadura militar brasileira, por isso suplantado), na formação de docentes e até sobre o atual peso ideológico e político desse recorte.

Destarte, esse ensaio é um levantamento e problematização do processo de ensino e aprendizagem sobre esse período sendo uma análise das dificuldades, metas e estratégias dos docentes perante os discentes, o livro didático, os currículos, planos e planejamentos, e etc. Perante essa perspectiva também é função desse trabalho edificar uma compreensão do ensino de história no tempo presente (como o ensino de história está novamente sendo amordaçado) e como a relação aluno-professor (re)elabora e constrói uma leitura da ditadura militar brasileira.

Para isso é necessário um diálogo com os docentes, uma discussão sobre a carga política e social prévia sobre a ditadura militar brasileira que advém dos discentes e produzir oficinas como meta de auxiliar nossa formação docente, ao professor regente e aos alunos.

Portanto, o cerne é dialogar e entender como o ensino de História sobre a ditadura militar nas escolas de ensino médio supracitadas do município de Aurora-CE é pensado e realizado, para isso o roteiro de entrevista possibilitou levantar novos olhares. São três diferentes opiniões de professores de História, que divergem e aproximam-se entre si, assim como os discentes responderam as oficinas. Desta maneira é importante analisar o livro didático como uma ferramenta que possui uma historicidade, possui fatores como edição e mercado, e, sobretudo, como o veículo entre o aluno, o professor e o conteúdo.

Para compreender o ensino sobre a ditadura militar brasileira é necessário uma reflexão e análise detalhada do livro didático, porém acrescentando a assertiva de

Fonseca (2009, p.5): “O livro didático de História é apenas uma das fontes de saberes históricos. Logo, não pode ser tomado como *a única fonte, ou a mais verdadeira, ou a melhor, nem tão pouco a pior*”.<sup>143</sup> Para a autora o livro didático é uma das fontes que proporciona a relação ensino-aprendizagem, por isso deve ser respeitado e criticado diante do seu papel.

Em sentido lato, pensar o livro didático como uma das fontes para o ensino de História deve inferir que outros recursos e linguagens também adentram e conversam com o mesmo, para facilitar ou produzir o processo de ensino/aprendizagem. Por isso idealizamos as oficinas com os discentes com a intenção de apresentar variadas fontes históricas sobre a ditadura militar e captar as interpretações e debates que irão ser suscitadas na sala de aula. Uma música, uma charge, uma manchete de jornal entre outras fontes fomentam variadas leituras possíveis sobre o recorte temporal.

A historiografia brasileira deveria se pautar em pesquisas voltadas a esse processo que ocorre nas salas de aulas com discussões como a regime militar brasileiro, pois somado a problemática da pouca pesquisa sobre ditadura, ainda as pesquisas que são produzidas e – indiretamente – sacralizam dicotomias e singularidades, como se uma divisão entre bem ou mal explicasse o período, sujeitos históricos e fatos imensamente plurais. Essa mesma dicotomia está sendo levantada para criar discussões rasas, divisões políticas e petrificar a ditadura militar brasileira através de uma cortina entre duas salas.

Essas memórias, imagens e discursos perpassam vários setores, chegam à sala de aula seja pelos alunos, o livro didático, a família, o meio social, o professor e a mídia. Por isso na atualidade é suscitado o papel do ensino de história e outras ciências sociais na escola como mecanismos ideológicos (assim como na ditadura), isso reflete em projetos como “Escola sem partido”.

## **O ENSINO DE HISTÓRIA NO NÍVEL MÉDIO, DIFICULDADES E POTENCIALIDADES**

As discussões sobre ditadura levantada nas análises das oficinas, roteiros de entrevistas com os professores está encaixado na perspectiva da historicidade do tempo presente (2018): quadro sociopolítico impar, mudanças radicais nos currículos, grades escolares, projetos de Lei “como escola sem partido”, eleições, discussões sobre

---

<sup>143</sup>Grifo da autora

esquerda, direita e debates sobre a ditadura acalorados via redes sociais, mídias em gerais etc.

Esses fatores somados ajudam e/ou agravam o que Bittencourt (2010, p.188), salienta: “A diminuição de conteúdos de História do Brasil nas diferentes séries do ensino fundamental e médio possui um significado que não se situa na História Integrada enquanto seleção de conteúdos, mas na fundamentação teórica e lógica que a sustenta”. Para a pensadora o enxugamento do ensino da História do Brasil veio numa busca até desmedida trazer avanços, como integralizar a história brasileira ao quadro internacional, o livro analisado não separa o Brasil entre as demais ditaduras latinas americanas. Isso ajuda e como também paradoxalmente atrapalha, pois os assuntos que deveriam ser aprofundados ficam reféns de grades de uma ou duas aulas de História por semana.

Dentro desse horário cada vez menor ou suplantado, não podemos colocar pesos dignos de Hércules aos professores do ensino médio (independentemente da disciplina/área do conhecimento) tão pouco os livros didáticos ou a escola em si, apontar dedos ao ensino médio/ fundamental e básico é foco da ampla maioria (respeitando as exceções) dos ensaios e pesquisas acadêmicas, reforçam ao ensino de história juntamente com suas afins o colossal cargo de disciplinas importantes para a almejada “formação crítica cidadão”. Sobre isto a fala de uma professora em sua entrevista “Os alunos tem uma boa *bagagem* do assunto, pois é um tema bastante cobrado no Enem. Como professora, eu posso auxiliá-los a ter uma visão crítica sobre o assunto [...]” a docente<sup>144</sup> assume a postura que Fonseca afirma:

“[...] é preciso reconhecer o óbvio: o professor de história não opera sozinho. Os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos na escola a sujeitos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos outros espaços educativos [...]”. (2003, p. 37).

Tanto a professora do ensino médio e Fonseca compreendem que fazem parte de uma das correntes de um professor longo, pois compreendem que a escola não é o único e nem o mais importante lugar de educativo, está afinados com essas leituras ou bagagens é “pulo do gato”, ou seja, uma das potencialidades para o ensino de história e demais áreas.

---

<sup>144</sup>Professora do educandário: Tabelaão – Escola Estadual de Tempo Integral Tabelaão José Pinto Quezado

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG**

Sobre a ditadura militar Brasileira, percebemos a partir das análises dos documentos/fontes durante as oficinas que as cargas de interpretações sobre esse período partem de youtubers, políticos, páginas de internet, redes sociais, TV etc. Colocar uma “peneira no sol” não vai resolver ou ajudar o processo de ensino e aprendizagem sobre esse período, o diálogo com essas fontes é necessário para entender os lugares de falas e produzir debates.

### **REALIZAÇÕES DAS OFICINAS**

O principal objetivo das oficinas foi oferecer aos discentes um referencial somatório e além do livro didático, para isto buscamos levar charges, reportagens de revistas e imagens relacionadas ao período em discussão. Este processo teve como foco despertar o senso crítico dos discentes partindo de seus conhecimentos prévios e agregando aos novos.

Em ambas as escolas o debate iniciou-se de forma tímida, sem a interação dos estudantes, entretanto ao se depararem com o material extra que foi apresentado algumas vozes acanhadas começaram a surgir.

### **ESCOLA ESTADUAL DE TEMPO INTEGRAL TABELIÃO JOSÉ PINTO QUEZADO**

Nesta escola a discussão foi baseada em torno da análise das reportagens da Revista “Caros Amigos”<sup>145</sup>, partindo de pontos cruciais como “O milagre econômico”, propagandas do regime, censura e mobilizações de esquerda. Os alunos embutidos no presente, vésperas de uma eleição na qual ditadura é palavra-chave e bastante levantada, discutiram a falta da “voz” dos militares no livro e trouxeram o debate em torno do dualismo, que não explica a dinâmica plural de agora e na outrora.

### **ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL LEOPOLDINA GONÇALVES QUEZADO**

---

<sup>145</sup>COLEÇÃO CAROS AMIGOS: A ditadura militar no Brasil - 6 - Governo Médici I (1969-1974) - O Milagre. Nº. 6. V. I. Caros Amigos Editora. 2007.

A oficina nesta escola funcionou como um seminário expositivo no qual a mesma temática e análise da escola anterior foram levadas em consideração, porém trazendo novas consequências, já que as falas de um educandário tecnicista e com alusão presencial dos docentes de História, policiaram os discentes. A discussão nesta escola ocorreu paralelamente ao debate da “Escola sem partido”, ao dualismo político atual e a construção imaginária da ditadura para grupos variantes. Muitos alunos suscitaram as poucas ou inexistentes lembranças de seus ascendentes viventes no período ditatorial.

Portanto, através da experiência vivenciada nas duas escolas podemos notar como a temática “ditadura civil-militar” comporta-se maleável a partir dos lugares sociais em que se encontra a discussão.

## **ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO**

A análise do livro de História proporcionou diversas interrogações em torno desse material didático-pedagógico, documento fruto de escolhas estatais, mercadorias e discussões do tempo presente. A análise de todo livro tem como objetivo compreender a carga de epiderme que os discentes e docentes possui sobre a temática e problematizar como os recursos pedagógicos como o livro didático de História e diferentes fontes e linguagens no ensino de história perante esse recorte auxilia no processo de ensino/aprendizagem nesses educandários.

O capítulo que foca neste período histórico tenta edificar debates que apresentam a ditadura militar brasileira, buscando, também, incluir as demais ditaduras do cone sul americano que ocorreram na mesma temporalidade, assim apresenta os contextos: argentino, chileno e brasileiro dentro da perspectiva de demonstrar as particularidades entre os regimes, seus nuances e até diálogos com o contexto de cada regime.

Outra pontualidade são algumas importantes discussões como o uso dos termos: “civil – militar, revolução, ditadura, regime” etc. Um dos professores comentou como esses “conceitos” e suas problematizações atrapalham no processo de ensino/aprendizagem, por exemplo, o termo ditadura carrega o signo de “militar” e quando ela foi abrir o debate sobre a “Era Vargas”, houve confusão dos alunos quanto ao conceito e sua temporalidade. “Ao falarmos sobre o período do Estado Novo, por exemplo, eles citam a ditadura militar”. (Professora Thaís) Os alunos “puxam links” a



## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG**

partir desses termos, por isso é importante eles entenderem cada temporalidade, contextos e posições políticas.

Adicionado a essa preocupação, há logo na introdução do capítulo imagens dos protestos de 2015, pedidos de intervenção militar e um pequeno debate sobre essa imagem em torno desse período. Ao decorrer do capítulo e no recorte do Brasil são utilizados fotos, charges e depoimentos de torturados.

Há assuntos priorizados e outros em caixas de notas como, por exemplo, duas páginas com gráficos, manchetes e charges sobre “milagre econômico”, ao passo que os movimentos artísticos vem como leitura complementar. Por isso, os professores pautam a importância do manual do professor, recurso no fim do livro que auxilia em métodos, técnicas e indicações como sites, filmes, entre outros, que podem enriquecer as aulas.

Analisando o livro didático e escrevendo essa lista de particularidades do capítulo e do livro como um todo, veio alguns questionamentos básicos entre eles um essencial, também levantado por Fonseca:

“Abolir, complementar e/ou diversificar o uso de livros didático no processo de ensino? Para muitos pesquisadores essa questão pode parecer ingênua, inadequada ou superada. Isso porque, muito já se investigou sobre o conteúdo e a forma do livro didático brasileiro e, via de regra, ele constitui a principal e muitas vezes determinante no processo de ensino”. (2003, p.49).

Nesse sentido a autora, através dessa indagação introduz as assertivas em torno desse recurso, todos estão cientes e problematizam os avanços e dificuldades em torno do livro didático, todos compreendem que eles são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem seja de História ou as demais áreas escolares.

Negar, omitir-se, usurpar a importância desse recurso ou esquecer seus erros é negligenciar o cotidiano dos professores, alunos e corpo escolar. Tocante a ditadura militar e seu processo de ensino é essencial compreender os nuances e a lógica daqueles que desenvolvem aquela escrita, também histórica, assim como docentes e discentes idem.

## **CONCLUSÃO**

Destarte, esse ensaio desenvolveu a partir de oficinas, roteiro de entrevistas e análise do livro didático problematização sobre o ensino de História, a ditadura civil- militar

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG**

brasileira e os livros didáticos diante da conjuntura sociopolítica vigente (2015 a 2018). Discutimos apresentamos e compreendemos como cada lugar de fala seja por influências acadêmicas, historiográficas, mediática e produção ajuda no processo de ensino e aprendizagem, a carga de leitura de mundo dos alunos convergem e divergem num exercício relevante para compreender e superar ostracismos, anacronismos, dualismos etc. O ensino de História pautado em dialogar com a carga de leitura desse aluno, não menosprezando ou supervalorizando, sobretudo, considerando-o importante para a dinâmica de ensino e aprendizagem sobre História, e um tema sociopolítico carregado de discussões às vezes rasas, ideológicas, não cicatrizado e constantemente ressuscitado.

O cerne de aprendizagem para a nossa formação docente foi refletir o alcance que uma oficina/aula de História tem e sua importância no deslocamento dos saberes entre sala de aula e meio social, ou vice versa. Os quantos daquelas discussões permearam o extra-escolar, ou seja, para além dos muros da escola a ditadura é debatida no almoço, na TV, entre amigos e nas redes sociais. A escola deve se integrar a estes lugares de fala.

### **REFERÊNCIAS**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo. Cortez, 2009.

BRAICK, Patrícia Ramos. **História das cavernas ao terceiro milênio. Vol. 3**. 4. ed – São Paulo: Moderna, 2006.

COLEÇÃO CAROS AMIGOS: A ditadura militar no Brasil - 6 - **Governo Médici I (1969-1974) - O Milagre**. Nº. 6. V. I. Caros Amigos Editora. 2007.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada**. 2ª edição: Campinas, SP: Papyrus, 1994.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **História: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001.